

Manuel Antônio de Castro

UFRJ

O canto das sereias: da escuta à travessia poética

Resumo: A palavra cantada e o cotidiano. A música na sociedade de consumo e o novo. O descartável e a banalização. O sistema e a estética. O vigor da obra poética. A música, o Logos e a Escuta. A Odisséia e o canto das sereias. O mito e o rito. As múltiplas interpretações. A Escuta de Ulisses e a travessia poética. O limiar como limite do ilimitado. O mar como caminho de todos os caminhos. A medida da Escuta de Ulisses: a sabedoria.

Palavras-chave: canto, mito, poética.

Abstract: The sung word and daily life. Music in consumer society and newness. The dischargeable and banality. System and aesthetics. The strength of the poetic work. Music, logos, and listening. The Odyssey and the song of mermaids. Myth and ritual. Multiple interpretations. Ulysses' listening and the poetic crossing. The threshold as a limit of unlimitedness. The sea as the path of all paths. The measure of Ulysses' listening: wisdom.

Keywords: song, myth, poetics.

Respondeu-lhe Confúcio: O objetivo do jejum é a unidade interior. Isto significa ouvir, mas não com os ouvidos; ouvir, mas não com o entendimento; ouvir com o espírito, com todo o seu ser. Ouvir apenas com os seus ouvidos é uma coisa. Ouvir com o entendimento é outra. Mas ouvir com o espírito não se limita a qualquer faculdade, aos ouvidos ou à mente. Daí exigir o esvaziamento de todas as faculdades. E quando as faculdades ficam vazias, então todo o ser escuta.

A via de Chuang Tzu

Se refletirmos hoje um pouco sobre nosso cotidiano, vamos notar que a palavra cantada se faz presente com muita frequência. Ela está ao nosso alcance de muitas maneiras e por diversos meios técnicos. Mal levantamos e já ligamos o rádio, e, neste, as escolhas são muitas. Ou pomos um CD para tocar e aqui as opções já são mais pessoais e atendem melhor a nosso gosto. Ela nos acompanha em nossas

FICÇÃO E IDÉIAS

viagens. E até em muitos ambientes de trabalho lá está como um pano de fundo. Mesmo quando interrompemos as ocupações do dia – a – dia e espairecemos vendo um filme, assistindo à novela, lá vem eles acompanhados freqüentemente pela palavra cantada. Não bastasse essa onipresença da palavra cantada, ainda escolhemos, nos finais de semana ou nos feriados ou simplesmente à noite, concertos musicais, shows de bandas, cantoras e cantores ou grupo musicais, para nos divertirmos e preenchermos nosso tempo livre. Assediados pela propaganda, nos prendemos sempre a novos sucessos e somos levados a comprar os novos CDs. A palavra cantada se tornou um lucrativo produto da cultura de massa. Somos sempre atraídos por novos arranjos, novas gravações técnicas, novas interpretações de canções passadas. E as canções novas se sucedem num leque de ofertas impossível de acompanhar. Há sempre em nós um apelo misterioso para a compra de tais produtos. Essa oferta abundante e variada da palavra cantada em nosso tempo não deixa de ser altamente positiva. Nunca os seres humanos tiveram tanto acesso à palavra cantada, dando oportunidade a cada um de desenvolver suas possibilidades pelo seu poder realizador. Não se tornou apenas um produto de alto consumo, mas de variados estilos e gêneros. Claro, na maioria das vezes como um apelo ao consumo pela novidade e não realmente pelo que significa de novo. Mas o que é o novo? O limiar entre novidade e novo, entre erudito e popular, ou qualquer outra classificação, é sempre complexo, instável e enigmático. O limiar sempre nos interroga e questiona. Não é algo demonstrável.

Felizmente vivemos um tempo de valorização das diferenças e a pretensa existência metafísica de um modelo ideal, a partir do qual se poderiam avaliar as produções, torna-se cada vez mais difícil de sustentar. A medida, seja qualitativa seja quantitativa, como bem acentuou Antônio Jardim em sua tese, *Música: vigência do pensar poético*, é uma das características do pensamento metafísico ocidental. Podemos medir falas, mas como medir o poder revelador da palavra cantada, enquanto voz do silêncio? Como ela não é dimensionável, a ciência, filha predileta da metafísica, decretou que ela é não real. Por outro lado, em meio à enxurrada de produtos musicais, produzidos sob a ótica e a estratégia do lucro, como "saber" o que é verdadeiramente palavra cantada artística? Não há, de novo, uma resposta certa, pois são tantos e tão variados os conceitos de arte. Parece que tudo se torna relativo. Mas não, há o apelo do poético pelo poético, há a sua vigência em obras que perduram para além dos modismos e das avaliações críticas, que também passam. Resta sempre aquela obra que se impõe pelo seu vigor poético e ultrapassa o seu contexto e qualquer classificação formal e estilística ou utilidade política e ideológica. Os ouvintes se sucedem e também passam.

Na realidade, estes são problemas criados por uma tradição metafísica que

TERCEIRA MARGEM

acaba por nos desviar da verdadeira problemática da presença e vigor da palavra cantada enquanto obra poética. Quais seriam os verdadeiros problemas? E não haveria uma certa arrogância teórica em, de repente, estar de posse, da "verdadeira problemática"? O crítico ou o teórico deve de vez perder a arrogância de querer julgar e determinar o que é ou não artístico. A força, o vigor está na própria obra e não na fala do crítico. É um tal vigor que cria o seu próprio tempo e memória, o tempo e a memória poética. Ao crítico cabe trabalhar em torno deste vigor poético, não como julgamento, mas como escuta.

Há alguns indícios dessa indústria cultural que facilitam uma distinção entre a obra poética e o produto simplesmente para consumo. São produtos, como a maioria do que se faz em nosso tempo, descartáveis e de duração determinada pela saturação do consumo, no caso, a audiência. Dominados pela banalização, repetição e simplificação, são feitos tendo em vista um fim prévio e predeterminado à sua criação: atingir o grande público, vender e dar lucro. Esta é a lógica do mercado e do sistema, um sistema que se tornou onipresente e que a tudo quer controlar, pois determina o que é real, aí incluído, o poético, como o que resulta de conceitos científicos enquanto resultado da correlação sujeito/objeto e dos mecanismos e apelos da sociedade comunicativa, em rede e do conhecimento. São, pois, produtos de um sistema que tendem a confirmar o sistema, por mais que muitos desses produtos irrompam no mercado como produtos diferentes. São diferentes apenas e tão-somente enquanto possibilidades previstas no próprio sistema de controle. Neles não se faz presente a força poética. E esta age independente do crítico, do ouvinte e até do compositor e, sobretudo, apesar do sistema.

Hoje, a realidade é concebida de maneiras diferentes: pelo sistema científico, pelos sistemas religiosos e pelo tradicional senso comum. Apesar desses diferentes sistemas de realidade, há também a presença incontrolável e gratuita do imaginário, do extra-ordinário e da possibilidade do tempo poético em cada um: é quando a arte atua. A presença dos sistemas nos sufoca e nossa vida se sucede dentro de um tempo cronológico, onde tudo está predeterminado, onde nossas ações já estão previstas, onde não há lugar para o inesperado, e nossa travessia, como projeto de vida, se torna algo funcional, em que todas as nossas ações estão em função de uma finalidade, de algo que o sistema espera de nós. O que somos e não somos tem de ser funcional. É nessa perspectiva que a palavra cantada, em geral, se faz presente em nossa vida. É nessa perspectiva que ela é produzida: ela tem uma função estética. Serve, em meio ao trabalho rotineiro e cansativo do cotidiano, para espriar, amortecer o tom cinzento, cronologicamente repetitivo e vazio da vida, para dar um pouco de sentimento e prazer às horas sem sentido de nossa vida, para nos causar prazer e sensações agradáveis. A palavra cantada distrai e alivia, nos lança

FICÇÃO E IDÉIAS

numa descontração que nos dá a sensação de liberdade e realização. Isso é importante, mas ainda não significa que nos tenhamos aberto para o verdadeiro poder poético da palavra cantada, para a sua escuta, porque fazemos dela uma atuação ao nível de nossos sentimentos e da desrepressão do sistema, atuando em nossa subjetividade. Daí a palavra cantada ser confundida, em geral, com o lírico, com o eu-lírico, a tomada da subjetividade pelo canto. Essa atuação da palavra cantada, determinada pela subjetividade, ainda não é a abertura para o seu vigor poético, para a sua escuta.

Esse envolvimento sentimental, estético, com a palavra cantada não é tudo. Quando ela é portadora de um vigor poético, algo de radicalmente diferente pode nos acontecer. Mas não somos nós que determinamos esse vigor poético. A nós cabe estar atentos e nos abirmos para a sua epifania: é o tempo poético como escuta. Ao contrário de outras artes, a palavra cantada nos advém essencialmente como escuta. Mas o que é a escuta? Que escuta nós realizamos em nosso cotidiano repetitivo e automatizado, e até mesmo quando intencionalmente nos dirigimos a um concerto ou a um show musical? Será essa a escuta que a palavra cantada nos solicita? Pode até ser, mas é desde já necessário acentuar que o vigor poético da fala da palavra cantada exige de nós uma abertura de pura disponibilidade: é a escuta não subjetiva, mas poética.

A filosofia, a teologia e o saber científico ao longo dos séculos tentaram insistentemente matar o mito. E de fato, hoje a ciência para tudo parece ter uma explicação científica, e a terra e o céu, em lugar dos deuses, estão repletos de artefatos técnicos e desmitificados. Diante disso tudo, porém, sentimos no mais íntimo de nós que algo falta. Isso não é tudo, gerando um desconforto e uma insatisfação. Mas o tempo dos deuses não pode voltar e estamos irremediavelmente mais pobres, mas nem tudo está perdido. Porque se os mitos foram expulsos de nosso horizonte, eles continuam presentes e fortes, porque eles não são invenções ficcionais nem irrealis. Também não são explicações causais para os fenômenos naturais ou psíquicos, como uma mitologia de base científica nos quer fazer acreditar. Nossas mentes e línguas, poluídas por saberes metafísicos e científicos, sentem uma real dificuldade de se abrir para o saber dos mitos. Eles são a dimensão mais profunda do que em nós é e teima em ser. Foram-se os mitos, mas continua com sua força onipresente o mítico. Ele se faz presente e irrompe principalmente nas obras poéticas. O vigor das obras artísticas se manifestando é o mítico irrompendo em nossas vidas. Mas nossos ouvidos, em relação às obras de arte, estão tão cheios de termos técnicos, de análises críticas e científicas e de classificações de gêneros e estilos, que é com muito esforço que nos pomos à escuta da fala do poético, da voz do silêncio do mítico. Em meio à sociedade comunicativa, ao império da fala, das

TERCEIRA MARGEM

múltiplas falas, em que muito se fala e aparentemente se escuta, faz-se necessário, para a escuta da palavra cantada, acolher, numa disponibilidade livre e aberta, a sua fala. O homem só é homem pela escuta, mas não por qualquer escuta. Para isso já nos advertia há dois mil e seiscentos anos o pensador Heráclito, no fragmento 50:

Auscultando não a mim, mas o Logos, é sábio concordar que tudo é um.

Não é ao poeta, ao compositor, ao cantor, enfim, ao homem que devemos escutar, mas ao Logos. O Logos é a irrupção, em nossa vida ordinária, do extraordinário, da Linguagem poética, do mito, enfim, do sagrado. Só então somos tomados pelo saber e sabor da sabedoria. A ausculta do Logos nos remete para o mistério do real, onde a diversidade de tempos e lugares, de homens e coisas, de mortais e imortais, é um, porque o Logos é a unidade de reunião da tensão de contrários do real, em sua ambigüidade abismal e misteriosa. Portanto, saber o que somos é acolher e auscultar o Logos como unidade das diferenças. Essa é a essência da escuta: um sábio saber. Para ele nos remete a palavra cantada verdadeiramente poética. Por isso, o mesmo pensador insiste no fragmento 19:

Não sabendo auscultar, não sabem falar.

Numa sociedade comunicativa como a nossa, somos educados para o falar, mas não para a escuta e muito menos para a ausculta. Somos tagarelas, falamos sem parar e colhemos o desconforto da sensação de isolamento, de não sermos compreendidos pelo outro. Mas estamos verdadeiramente abertos para o outro, para o diálogo, para a diferença? Estamos dispostos e abertos para a diferença da diferença? Nossas falas tendem a provocar desencontros e desentendimentos, porque não sabemos escutar. Nossa fala não é fruto da voz do silêncio. Em tempos de onipresença da palavra e da fala nunca houve tanta solidão e distância. Para falar é preciso auscultar. Para sermos realizados pela fala temos que auscultar a voz do silêncio da palavra cantada. Só assim faremos da nossa vida uma travessia de verdadeira realização, senão seremos como objetos entre os objetos, dóceis sujeitos de uma sociedade determinada pelo sistema comunicativo de emissores e receptores, e de aparente afirmação da subjetividade de cada um. O apelo para a realização, para nossa travessia, nos advém de uma ausculta, da escuta da palavra cantada. Que escuta é esta? O melhor seria tentar responder com a própria palavra cantada, pois é lá que se encontra o apelo misterioso para uma tal escuta. Contudo, não falaria a escuta, mas ainda uma fala, uma interpretação da escuta. A escuta só se dá escutando e tal só ocorre quando a palavra se anula e deixa o suave vigor da voz do silêncio nos envolver, ultrapassando barreiras e limites psicológicos, sociais, sentimentais e racionais. É preciso que nos desnudemos diante da atuação e presença do vigor da palavra cantada. Então somos a realidade eclodindo, sendo. E

FICÇÃO E IDÉIAS

ainda há o limite da palavra escrita em vez da presença envolvente do oral. Esta fala e a interpretação que ela desenvolve, de maneira alguma quer substituir a fala da palavra cantada. Consiste somente num esforço de preparação para a acolhida de escuta do seu vigor. Neste esforço, optamos por uma obra poética de dois mil e setecentos anos cronológicos, mas poeticamente atualíssima: a *Odisséia*. Obra no limiar da oralidade e da escrita, numa passagem misteriosa e aberta, pensa e tematiza a questão sempre atual e presente da escuta poética da palavra cantada. E o faz através de um mito, que se faz atual e presente pela força do mítico. Nela e por ela somos convocados para a ausculta do vigor poético da palavra cantada e da sua presença no projeto de travessia que todos nós somos. É o famoso mito das Sereias. Ele ocupa uma pequena passagem da *Odisséia* e, no entanto, se faz presente como um enigma que tem suscitado ao longo dos séculos as mais diferentes interpretações, nos desafiando qual esfinge pronta a nos devorar. Talvez ainda não se tenha percebido que o mito não é símbolo de nada e nem tem subentendidos, que seu sentido está no que diz, ou seja, no ser mito, no ser o mito da escuta da palavra cantada. Que o mito se resolve na escuta da palavra cantada e não em qualquer outra explicação. E isso coloca uma questão. Questão não é problema. Este se resolve. A questão não, apenas cada interpretação recoloca a questão em outro nível. O mito das Sereias coloca a questão da escuta da palavra cantada. Interpretá-lo é recolocar a questão na sua origem, lá onde a fonte inesgotável do real, do mistério do real se dá tanto mais quanto mais se retrai. O essencial é tomar o mito como mito, isto é, uma manifestação poética do real e não a explicação de qualquer outra coisa. No mito o real se dá e manifesta como palavra cantada, como escuta, como voz do silêncio e como travessia do homem. Na travessia, o saber do não-saber de toda sabedoria. Por isso o herói é Ulisses, no qual a astúcia se faz sabedoria, uma sabedoria viva, concreta, ética e poética, na travessia da vida, pois viver é muito perigoso, como nos lembra insistentemente Ulisses nas suas aventuras e desventuras. E o mesmo faz Riobaldo em *Grande sertão: veredas*, onde colhemos a mais densa interpretação do mito poético enquanto travessia, quando Rosa diz: "Existe é homem humano, travessia". O poético acabou se tornando o mítico sem a concretude dos ritos dos mitos. A reinvenção poética da linguagem é a reinvenção dos ritos dos mitos. Por isso o poético, toda arte, tem origem mítica. E tanto o mito como a arte radicam no sagrado. Heidegger já nos advertiu: "O pensador diz o ser, o poeta nomeia o sagrado".

TERCEIRA MARGEM

Homero narra o mito no canto XII da *Odisséia* e é retomado três vezes. Ulisses está em trânsito, em travessia, e Circe lhe anuncia as dificuldades que vai encontrar e o que deve fazer. Circe é "deusa das deusas", 'a filha do sol', cujo nome remete a kirkos, e que os escólios identificam com o anel ou círculo da natureza poderosa que reúne vida e morte, nascimento e destruição num eterno movimento ou com o movimento circular do universo" (Schuback, 1999: 166). É a primeira narrativa do mito. Diz Circe:

Escuta o que eu vou dizer e que um deus mesmo te lembre. É preciso passar primeiro pelas sereias, as que encantam todos os homens que delas se aproximam. Aquele que se aproximar cheio de audácia e escutar a voz das sereias, com ele nem a esposa e nem os filhos chegam a festejar na casa o retorno. Mas (enquanto) com canto doce as sereias encantam, no prado úmido (dos prazeres) putrefaz-se um amontoado de ossos de varões, e em seu redor as carnes apodrecem. Siga sempre adiante. Encha ou engordure os ouvidos dos teus companheiros com a cera amolecida do mel e que nenhum deles escute. Tu somente podes escutar se quiseres, atando pés e mãos, em pé (orthon) no mastro, mantém-te nos limites que por ele (pelo mastro) se estabelecem a escutar, o tempo que for, o canto (das sereias) e se ordenares que eles te soltem, que eles te amarrem ainda com mais força.

Odisséia, XII, 37-55. Trad. Schuback, 1999: 166.

No verso 150 do mesmo canto, assim Ulisses caracteriza Circe:

Circe, de tranças bem feitas, canora e terrível deidade.

Odisséia, XII, 150. Trad. Nunes, 1960: 182.

Esta passagem é importante porque tanto Circe como as Sereias exercitam a palavra cantada, que aponta para algo terrível e mortal. Aliás, a própria Circe encantou os companheiros de Ulisses e os transformou em animais. E o mesmo destino teria Ulisses se este não se abrisse para a fala e escuta de Hermes. Hermes, a palavra originária e poética, o sagrado primordial, ensina a Ulisses como vencer os sortilégios de Circe. Ulisses só vence porque se abre e acolhe a palavra poética original, o saber de Hermes. Ele é mais forte que o saber de Circe, e assim lhe devolve os companheiros e passa a ser a protetora de Ulisses. Aberto para a escuta de Hermes, a palavra poética, Ulisses faz a sua travessia.

Todo o mito gira em torno da *fala* e da *escuta*. Circe dirige-se a Ulisses e a primeira palavra é o verbo escutar no imperativo: "Escuta...". É uma escuta tão importante, tão decisiva que acrescenta: "...e que um deus mesmo te lembre". Em seguida declara a Ulisses: "É preciso passar primeiro pelas Sereias, as que encantam todos os homens que delas se aproximam". Em nossa travessia, temos um encontro

FICÇÃO E IDÉIAS

marcado com as Sereias, a palavra cantada. Não é um encontro qualquer, ele pode ser mortal. Ele vai exigir de nós o empenho do que somos para colhemos o penhor do que nos está destinado. É um risco. Quem de nós tem a coragem de assumir esse risco? Por isso Circe, ao dirigir-se a Ulisses, acrescenta: "... se quiseres". Há uma atração no homem pela escuta, mas ele, mergulhado no cotidiano, na escuta dispersiva e repetitiva do dia-a-dia, pode não-querer, pode desdenhar da escuta. A decisão pela escuta tem condições: há todo um ritual. É no advento do ritual, no agir do ritual, nas ações que o homem faz a partir do ritual do mito que pode se dar a epifania da escuta. O ritual do mito – a palavra cantada – não encena, não representa, como o faz o saber da ciência. O ritual do mito se torna o sentido da manifestação da escuta da palavra cantada. Não há o rito e a escuta, mas o rito – a palavra cantada – se tornando ação é a escuta manifestativa do vigor do mito. Desta maneira, a realidade da escuta é a realidade do mito enquanto rito. O mito – a palavra cantada – é o advento da realidade enquanto sentido e palavra, enquanto fala. Na narrativa de Circe, o mito é anunciado. Ainda não há o rito, ainda não há a palavra cantada das Sereias.

Chegado o momento, Ulisses narra e anuncia o mito para que os companheiros o escutem e ele possa realizar o mito enquanto rito. Escutam o mito narrado, mas não cantado. Diz ele:

O coração apertado, dirijo-me aos sócios de viagem:
"Caros amigos, não basta que um só, ou que dois, fiquem cientes
do que respeita ao destino que Circe preclara me disse.
Não; quero tudo contar-vos, porque procuremos a morte
conscientemente, ou possamos fugir do Destino funesto.
Manda, em primeiro lugar, que as divinas Sereias, dotadas
de voz maviosa, evitemos e o prado florido em que se acham.
Somente a mim concedeu que as ouvisse; mas peço a vós todos
que me amarreis com bem fortes calabares, porque permaneça
junto ao mastro, de pé, com possantes amarras seguro.
Se, por acaso, pedir ou ordenar que as amarras me soltem,
mais fortes cordas, em torno do corpo, deveis apertar-me."

Odisséia, XII, 153-164. Trad. Nunes, 1960:183.

O que chama a atenção em termos narrativos é a grande semelhança entre a fala de Circe e a fala de Ulisses, mas, talvez, mais importante é "... a ênfase que Ulisses dá, ao ter que narrar ele mesmo o mito, à estreita relação entre a voz e a morte estabelecida pela repetição do verbo *aleuo*, afastar-se, fugir." (Schuback, 1999: 167). Mas fugir de quê? Fugir das Sereias. Tanto Ulisses como os companheiros

TERCEIRA MARGEM

devem evitar as Sereias. E por quê? É o que Ulisses diz nos versos 156 e 157: "... procuremos a morte conscientemente, ou possamos fugir do Destino funesto". Há o Destino, mas a fala da palavra cantada e a escuta podem implicar a morte ou não. Isso deve ser feito conscientemente. A morte anuncia a consumação do destino, daí a sua qualificação como "funesto". Se devem todos evitar as Sereias, só a Ulisses é permitido a escuta: "Somente a mim permitiu que as escutasse". Mas para isso deve ficar amarrado. Aparentemente, o importante não são as Sereias mas a palavra cantada. Na realidade, não há separação, as Sereias são a própria palavra cantada. O perigo está na escuta. Por isso Ulisses tem que ser amarrado. Este é o enigma e a questão do mito. Os companheiros de Ulisses foram transformados em animais por Circe porque não estavam possuídos pelo poder de Hermes. Só Ulisses, e vence Circe. Por isso os companheiros também não podem escutar as Sereias. Só Ulisses. Para escutar as Sereias, a palavra cantada, tem de estar de posse da palavra cantada. Ulisses pela escuta da palavra cantada apodera-se do que já tem, mas não sabe. Por isso será uma escuta ambígua, como veremos. Esse é o nosso destino, vivermos ambigualmente: sermos e não-sermos, saber e não-sabermos.

Ulisses anuncia o mito aos companheiros: Circe/Musa anunciou ao poeta e o poeta anuncia aos homens/companheiros. A fala de Ulisses é o mesmo mito enquanto anunciado, mas ainda não realizado. Não adianta ter a palavra cantada anunciada, codificada, se ainda não foi realizada. Ulisses mitifica o que Circe mitificou. Não podemos esquecer que o poeta é um aedo, isto é, um cantor. E só é poeta/aedo cantor porque canta a escuta das musas, ou seja, o canto das Musas/Sereias. O poeta/compositor não anuncia nada de diferente a nós homens. Para Ulisses mitificar, ele deve estar aberto para a escuta do mito, que se anuncia nas palavras de Circe/Musa. Diz Ulisses: Somente eu posso escutar (verso 160). Por que somente Ulisses pode escutar? Esta escolha nunca é explicada. Mas uma coisa fica clara: Não é uma decisão pessoal. O apelo vem de uma força que radica no que há de mais profundo e interior a nós, e que pede uma abertura: a escuta. Certamente, cada um de nós deve esperar o seu dia de ser Ulisses e escutar a palavra cantada que encanta, brotando de nosso âmago. Em algum momento, sempre diferente para cada um de nós, haverá o apelo para que o homem se abra para a escuta da fala da palavra cantada. Os mitos hoje não temos mais, ainda assim permanece sempre vivo o mítico, que é um apelo para a escuta da fala da palavra cantada. Cada um de nós está constitutivamente aberto para a fala da escuta, mas há um tempo próprio, que os gregos denominavam *Kairós*, o tempo do advento, do momento oportuno, que não se regula por datas nem por causas e conseqüências conhecidas cientificamente, muito menos por análises ou explicações técnicas. É o advento do inesperado, do extraordinário, do mistério, do vigor poético da palavra cantada, da fala do Logos. Não é o desejo de algo

FICÇÃO E IDÉIAS

consciente ou inconscientemente manifestado, mas um despertar para realizar a travessia do que somos. Porém, há o perigo da morte e Ulisses está consciente disso, como nós estamos conscientes ou deveríamos estar. Mas a educação, a sociedade e o sistema não ajudam. E interiormente repetimos: Não sou Ulisses. Mas quem é Ulisses? Ele nos aparece poeticamente como o nobre, o como deus, o exemplo de astúcia sábia e rara. Ulisses realiza poeticamente o que nós aspiramos a fazer vivencialmente, é para cada um de nós a possibilidade de realizar a travessia enquanto enfrentamento da morte, através da astúcia sábia. Ulisses é a astúcia do saber ser. Esse saber ser é que o cotidiano da vida moderna nos encobre pelo esquecimento dos mitos, substituídos pelas falas da comunicação e pela afluência dos produtos consumíveis, pelas fáceis emoções estéticas e pelo ocultamento do perigo da morte. Mas ainda se faz presente o poder e vigor da palavra cantada, como convite radical ao saber ser. Mas quem está aberto para a sua escuta e para enfrentar o perigo da morte? Porém, de onde vem o perigo da morte? Por que as palavras doces, divinas e encantadoras das Sereias podem levar à morte? Não há aí um paradoxo? Certamente, e esse é o vigor poético da palavra cantada: a sua ambigüidade. Mas todo viver não é ambíguo? Não estamos a cada momento que vivemos ao mesmo tempo morrendo? O perigo e a possibilidade da morte é uma experiência de vida. A ciência nos acena com a vida biológica e lá no seu final a morte. É um engano, é um embuste. Existencialmente morremos desde que nascemos. E isso é bom, porque só morrendo é que podemos saber que vivemos, não a vida biológica, mas o que somos e não-somos. Essa é a nossa travessia.

O advento e a possibilidade da escuta não é fruto de um desejo de Ulisses, isto é, nosso. Podemos ou não apenas acolhê-lo. A vinda da poesia não é uma decisão do poeta, pode sim ou não acolhê-la, porque a poesia é o advento e presentificação da fala das Musas, o encontro com o canto divino e encantador das Sereias, a loucura divina ou a inspiração. Atentemos para a aventura e ventura de Ulisses. Ele quer, decidiu-se pela escuta. Contudo, o que Ulisses escuta? É o terceiro relato:

Mas ao chegar à distância somente de grito da praia,
com toda a força a remar, não passou nosso barco ligeiro
despercebido às Sereias, de perto, que entoam sonoras:
"Vem para perto, famoso Odisseu, dos Aquivos orgulho,
traz para cá teu navio, que possas o canto escutar-nos.
Em nenhum tempo ninguém por aqui navegou em nau negra,
sem nossa voz inefável ouvir, qual dos lábios nos soa.
Bem mais instruído prossegue, depois de se haver deleitado.
Todas as coisas sabemos, que em Tróia de vastas campinas,

TERCEIRA MARGEM

pela vontade dos deuses, Troianos e Argivos sofreram,
como, também, quanto passa no dorso da terra fecunda".
Dessa maneira cantavam, belíssima. Mui desejoso
de as escutar, fiz sinal com os olhos aos sócios que as cordas
me relaxassem; mas eles remaram bem mais ardorosos.

Odisséia, XII, 181-194. Trad. Nunes, 1960: 184

Vejamos o que acontece quando o mito se realiza. O navio passa perto da ilha, "... à distância somente de grito da praia ...", e as Sereias o percebem e temos então a sua fala, que é canto, é palavra cantada. Em primeiro lugar, se dirigem diretamente a Ulisses, pois sabem que ele as escuta. E o convidam para a escuta da sua "... voz inefável ...". São duas as Sereias. Em seguida, expõem os benefícios da escuta do canto: o grande deleite e o ficar sabendo, o ser instruído. Depois de ouvi-las, prosseguem, dizem, não aludindo em nenhum momento à morte: "Bem mais instruído prossegue, depois de se haver deleitado". E por que a escuta leva ao saber e ao deleite? Porque elas sabem tudo, o que foi, o que é e o que será, tudo "...quanto se passa no dorso da terra fecundo". A dificuldade maior de penetrarmos no mito é de não mais acreditarmos em mitos, pois buscamos sempre um saber conceitual, explicativo, simbólico. As Sereias não são mulheres que sabem e cantam o saber. Elas são simplesmente o saber e o canto. No saber das Sereias se dá o saber como sabor: divino e encantador: "Bem mais instruído prossegue depois de se haver deleitado". Na palavra cantada não se dá apenas a experiência estética, mas enquanto poética, ela é também ética, ou seja, ontológica. O canto é o próprio e mais profundo saber se manifestando enquanto o que é. As Sereias, propriamente, não cantam algo, são a própria palavra cantada. O mito é o convite não para a representação de algo, mas para a escuta da própria e verdadeira manifestação da realidade. Esta manifestação se dá na palavra cantada como saber e sabor, por isso inefável. Quando as Sereias cantam: "Todas as coisas sabemos...", elas são a própria memória. Esta recebe na percepção e manifestação mítica do real o nome de Mnemósine. No mito das Sereias, Mnemósine se dá como palavra cantada. Esta não é portadora deste ou daquele saber, é o próprio saber, todo saber. Por ser portadora de todo saber, tem como reverso a morte. E aqui podemos falar de duas escutas de Ulisses em relação ao canto das Sereias ou de uma escuta ambígua. Uma que ele realizou e outra que ele não realizou, mesmo aberto para a escuta e atento à fala. Daí não ter morrido. Em meio à travessia do mar, que é a travessia de Ulisses, o barco, e nele amarrado ao mastro, com os ouvidos bem abertos, os companheiros remam com força. As Sereias chamam Ulisses e dizem porque ele deve ir para a ilha, se aproximar.

FICÇÃO E IDÉIAS

É a primeira escuta. Ulisses escuta de fato as Sereias. E elas prosseguem dizendo o que resultaria da aproximação e entrega, o saber/sabor inefável e encantador de seu canto. Elas convidam ao pleno saber e ao pleno sabor, pois podem isso doar porque tudo sabem, elas são a própria palavra cantada. Terminada a fala/canto, observa Ulisses: "Dessa maneira belíssima cantavam". Ulisses fica totalmente envolvido e atraído e diz: "Mui desejoso de as escutar, fiz sinal com os olhos aos sócios que as cordas me relaxassem". Se está desejoso de escutar é porque já escutou e não escutou. É a segunda escuta que ele não realiza, e não realiza porque os companheiros, advertidos, não lhe obedeceram, o prendem com mais força e remam mais rapidamente, se afastando das Sereias. Estas falam cantando e ele escuta, e lhe anunciam algo que ele não pode escutar, senão morreria. O que o mito quer dizer com esta dupla escuta? Nada mais além do que o mito diz: que há uma dupla escuta em nossa vida, ou seja, que a escuta é ambígua, que a palavra cantada é ambígua, que o real é ambíguo. As Sereias não falam da morte, não poderiam falar de morte, só do saber pleno, divino e inefável, porque a tensão entre saber e morte só existe para nós mortais. Só por sermos mortais é que podemos saber. Os outros seres não morrem, não sabem que morrem, perecem. O saber da palavra cantada, das Sereias, é um saber que nos faz ultrapassar os umbrais da morte. Um tal saber só se experiencia como fala do silêncio. A palavra cantada nos convida à escuta da fala do silêncio, mas como mortais só a podemos alcançar nos limites da fala. Aí está o perigo e ao mesmo tempo nossa salvação: vivermos no limiar. O vigor poético da palavra cantada se dá sempre num limiar em meio ao limite e o ilimitado. Essa é nossa situação e condição, essa é a situação e condição de Ulisses: somos irremediavelmente mortais e finitos, mas convocados ao infinito.

Imaginemos Ulisses em meio ao mar escutando as Sereias, experienciando a escuta da palavra cantada. O mar, em volta, móvel e infinito, é o sem-caminho, porque é a possibilidade de todos os caminhos. Nele e por ele, o caminho se faz ao navegar, nele o navegar ambiguamente apaga o próprio caminho que recebeu. O que resta e o que nos identifica e dá sentido? O navio, o mastro, Ulisses preso ao mastro, escutando, assumindo a sua finitude, a sua condição de mortal, mas aberto para a escuta. Por ser o sem caminho e sem sentido, o mar é o não-saber de todo saber que se oferece como caminho, sentido e saber de nosso caminhar. O pleno saber das Sereias, da palavra cantada como voz do silêncio, que é a experiência da morte, é a oferta do não-saber em todo saber da fala, é a oferta do sem-caminho e do sem-sentido em todo caminho e sentido do mar, em toda finitude do sem-limite. Por isso Ulisses tem que ser amarrado ao mastro do navio. O navio e seu mastro é o limite e a finitude no limiar do ilimitado e inefável do mar, do real, é o limite que pode ficar sabendo o ilimitado de todo saber do canto das Sereias. A escuta para se tornar escuta precisa do limite, do

TERCEIRA MARGEM

limite da fala, do limite como caminho de sentido e verdade no sem-limite, no sem-caminho, no sem-sentido, na não-verdade do ilimitado do mar, da realidade. A mobilidade do mar é a própria mobilidade e instabilidade da palavra cantada. Em meio ao infinito do mar, do pleno saber da palavra cantada, precisamos nos amarrar aos nossos limites e assumir nossa finitude, para que possamos escutar. Amarrarmos aos nossos limites e assumir nossa finitude não é estagnar, parar, mas singrar o mar da travessia da vida. Entre o limite da fala e o ilimitado da voz do silêncio se dá a escuta. Na escuta nos advém o ilimitado de nossos limites, da nossa finitude, nela e por ela sabemos o não-saber, somos e não-somos, daí o perigo iminente da morte, daí a necessidade de estarmos bem amarrados aos nossos limites, mas com os ouvidos bem abertos para o canto divino e encantador, para o canto das Sereias, para o vigor poético da palavra cantada. Em meio ao infinito do mar, ao infinito do real, há uma ilha, a ilha da palavra cantada, dela, pela escuta, nos advém o sentido e verdade da nossa vida. Podemos ou não acolhê-la e nos decidir por ela, como fez Ulisses, e isso é o ético, a ação ética. Por isso todo acolhimento do vigor do poético se transforma numa ação ética, porque só então somos. Mas não somos nem o mar nem a ilha. Como mortais, buscamos a vida e esta nos advém na tensão e ambigüidade do sem-limite, do abismo do mar e do divino e mortal encantamento da palavra cantada que se dá e se retrai. Sempre em estado de limiar se realiza a nossa vida, aberta para o canto divino pela escuta, em meio ao sem caminho do mar. Nossos caminhos, o frágil navio que singra, o mastro ao qual estamos, em pé, amarrados, e o sentido da escuta são uma doação do mar instável e infinito, do real se realizando. Sempre em estado de limiar somos um frágil e instável corpo que em meio às infinitas possibilidades abre o seu caminho a cada escolha, a cada escuta, fazendo da vida uma travessia. Uma travessia como limiar entre a fala e a escuta do silêncio, entre o limite e o ilimitado. Só amarrados ao limite do mastro podemos manter os ouvidos abertos e bem abertos para acolhimento do canto das Sereias, e assim nos preservamos da morte, fazendo da travessia uma caminhada de saber, sabor e sabedoria em direção à plenitude do que somos, onde canto, palavra, saber e ser se dão como escuta da voz do silêncio.

Em meio à vida cotidiana, somos assediados pelas muitas falas do sistema, sem tempo para a escuta. O mito nos fala de três escutas. A escuta de Ulisses diante da fala de Circe, o anúncio a partir do ciclo da vida e da morte. Nós, como Ulisses, possuído por Hermes, pela Linguagem enquanto poder poético da palavra, em meio ao decorrer da sua vida, em meio à vida cotidiana, podemos se abrir para uma outra escuta. Mas para tal é preciso querer. Depois Ulisses fala e seus companheiros escutam. É a segunda escuta. É uma fala onde se nega para eles a possibilidade de outra escuta. Não há querer, porque não há abertura para o que se

FICÇÃO E IDÉIAS

pode querer. A eles, filhos do cotidiano, só resta a música surda, os ouvidos fechados para o que não pode ser ouvido. A terceira escuta também é de Ulisses. Nesta escuta, o mito prevê um rito. Há necessidade de uma abertura e de um fechamento, pois é uma escuta ambígua e perigosa, como vimos. Em meio ao nosso cotidiano da nossa vida, nem sempre estamos dispostos para a terceira e ambígua escuta, para a terceira margem do rio, para a voz do silêncio. Da escuta e da não-escuta do canto das Sereias se faz a nossa travessia. Ulisses não é apenas astucioso, é sábio. Mas onde a sabedoria em meio à sociedade da comunicação e do consumo? O apelo originário para ser, ontem, hoje e sempre, como muito bem diz o mito, nos advém no canto das Sereias. Cada um tem que assumir a sua travessia pela escuta da fala da voz do silêncio.

Ou será que, seres do saber da ciência, esquecidos do sagrado em meio à vigência do profano e da estética, filhos cooptados pelo sistema de controle, não aceitamos mais as Sereias e também fechamos nossos ouvidos com cera como os companheiros de Ulisses? Temos os ouvidos surdos para o vigor do mito? Ou nem os fechamos e no caminhar de nossos passos constatamos que não há canto e o perigo mortal é um blefe? É o que nos quer fazer acreditar o sistema, porque o sistema vive da crença. Esta nos projeta em duas ilusões. A de que podemos destruir o sistema, como se isso não implicasse na eleição de um outro, talvez pior. É o que muitas experiências históricas nos dizem. A de que podemos realizar os ideais que o sistema nos propõe. E aí viramos vítimas dos paradigmas. Sem ilusões, precisamos nos abrir para a palavra cantada e seu convite à escuta, porque somos finitos e precisamos de sistemas, mas só para ultrapassá-los e afirmar igualmente a não-finitude pelo poder libertador da palavra cantada. Nessa tensão liminar nos realizamos como diferenças. É a medida da escuta de Ulisses. Por isso precisamos ter sempre presente o pensar poético de Heráclito:

Se não se espera, não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso. (Frag. 18, trad. Leão, 1991: 63)

Manuel Antonio de Castro é Mestre e Doutor em Ciência da Literatura (UFRJ) e professor titular de Póetica no mesmo departamento e instituição. Publicou, sozinho, os seguintes livros: *O homem provisório no Grande Ser-tão* (1975); *Travessia poética* (1976); *O acontecer poético - a história literária* (1982); *Tempos de metamorfose* (1994); e, em colaboração: *Teoria literária* (1976. 4a. ed.); *Manual de Teoria Literária* (1984. 8a. ed.); *Origens da literatura brasileira* (1977); *Ecologia e literatura* (1992).

BIBLIOGRAFIA

JARDIM, Antônio. *Música: vigência do pensar poético*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras – UFRJ, 1977. Tese de Doutorado.

TERCEIRA MARGEM

- OS PENSADORES ORIGINÁRIOS. *Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão e Sérgio Wrublewski. Petrópolis: Vozes, 1991.
- SCHUBACK, Márcia Sá Cavalcante (Org.). As cordas serenas de Ulisses. In: *Ensaio de filosofia*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- TORRANO, Jaa. O mundo como função de Musas. In: HESÍODO. *Teogonia*. São Paulo: Iluminuras, 1992.
- _____. *O sentido de Zeus*. São Paulo: Iluminuras, 1996.
- HOMERO. *Odisséia*. 3. ed. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 6. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- HEIDEGGER, Martin. Qu'est-ce que la métaphysique. In: *Questions I*. Paris: Gallimard, 1968. ("Le penseur dit l'Être. Le poète nomme le sacré".)
- _____. *Carta sobre o humanismo*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: UNICAMP, 1991.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984. p.95.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Aprendendo a pensar II*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____. *Aprendendo a pensar I*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- A VIA DE CHUANG TZU. Adaptação de Thomas Merton. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 71.
- PARMÊNIDES, Fragmento 1, Diels-Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker*, Berlim: De Gruyther, 1959, I.